



FILOSOFIA

2ª Etapa

SÓ ABRA QUANDO AUTORIZADO.

Leia atentamente as instruções que se seguem.

- 1 - Este Caderno de Prova contém **cinco** questões, abrangendo um total de **oito** páginas, numeradas de 3 a 10.
Antes de começar a resolver as questões, verifique se seu Caderno está **completo**.
Caso haja algum problema, solicite a **substituição** deste Caderno.
- 2 - Esta prova vale **100 (cem)** pontos – ou seja, **20 (vinte)** pontos por questão.
- 3 - **NÃO escreva seu nome nem assine nas folhas deste Caderno de Prova.**
- 4 - Leia cuidadosamente cada questão proposta e escreva a resposta, **A LÁPIS**, nos espaços correspondentes.
Só será corrigido o que estiver dentro desses espaços.
NÃO há, porém, obrigatoriedade de preenchimento **total** desses espaços.
- 5 - Não escreva nos espaços reservados à correção.
- 6 - **Ao terminar a prova**, chame a atenção do Aplicador, **levantando o braço**. Ele, então, irá até você para **recolher seu CADERNO DE PROVA**.

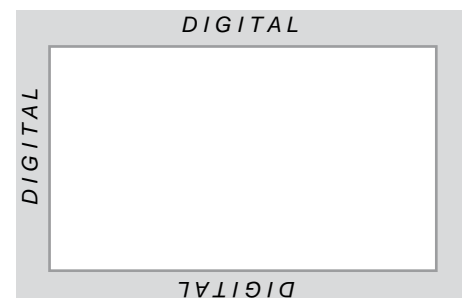
ATENÇÃO: Os Aplicadores **NÃO** estão autorizados a dar quaisquer explicações **sobre questões** de provas. **NÃO INSISTA**, pois, em pedir-lhes ajuda.

FAÇA LETRA LEGÍVEL.

Duração desta prova: TRÊS HORAS.

ATENÇÃO: Terminada a prova, recolha seus objetos, deixe a sala e, em seguida, o prédio. A partir do momento em que sair da sala e até estar fora do prédio, continuam válidas as proibições ao uso de aparelhos eletrônicos e celulares, bem como não lhe é mais permitido o uso dos sanitários.

Impressão digital do
polegar direito



COLE AQUI A ETIQUETA

QUESTÃO 01

Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles propõe uma compreensão da amizade em que a semelhança entre os homens é importante, embora não a caracterize completamente, como se comprova neste trecho:

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente. Por isso sua amizade dura enquanto são bons – e a bondade é uma coisa muito durável. E cada um é bom em si mesmo e para o seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e úteis um ao outro. [...] Uma tal amizade é, como seria de esperar, permanente, já que eles encontram um no outro todas as qualidades que os amigos devem possuir. Com efeito, toda a amizade tem em vista o bem ou o prazer – bem ou prazer, quer em abstrato, quer tais que possam ser desfrutados por aquele que sente a amizade –, e baseia-se numa certa semelhança. E à amizade entre homens bons pertencem todas as qualidades que mencionamos, devido à natureza dos próprios amigos, pois numa amizade desta espécie as outras qualidades também são semelhantes em ambos; e o que é irrestritamente bom também é agradável no sentido absoluto do termo, e essas são as qualidades mais estimáveis que existem.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. L. Vallandro e G. Bornheim. In: Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1979, VIII, 3, 1156b.

Com base na leitura desse trecho e em outras informações presentes na obra em referência, **EXPLIQUE** por que **NÃO** é toda e qualquer semelhança entre os homens que motiva uma amizade verdadeira.

QUESTÃO 02

Leia estes dois trechos:

E há de se entender o seguinte: que um príncipe [...] não pode observar todas as coisas a que são obrigados os homens considerados bons, sendo frequentemente forçado, para manter o governo, a agir contra a caridade, a fé, a humanidade, a religião. [...] Nas ações de todos os homens, máxime dos príncipes, onde não há tribunal para que recorrer, o que importa é o êxito bom ou mau. Procure, pois, um príncipe vencer e conservar o Estado. Os meios que empregar serão sempre julgados honrosos e louvados por todos, porque o vulgo é levado pelas aparências e pelos resultados dos fatos consumados [...]

MAQUIAVEL, *O Príncipe*. Trad. L. Xavier. In: Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1979, XVIII, pp. 74-75.

Num combate da guerra civil contra Cina, um soldado de Pompeu, tendo matado involuntariamente o irmão, que era do partido contrário, ali mesmo matou-se de vergonha e tristeza; e alguns anos depois, numa outra guerra civil desse mesmo povo, um soldado, por haver matado o irmão, pediu recompensa a seus comandantes. Explicamos mal a honestidade e a beleza de uma ação por meio de sua utilidade; e concluímos mal ao estimar que todos estejam obrigados a ela e que ela seja honesta para todos se for útil.

MONTAIGNE, *Os Ensaíes*. Trad. R. C. Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001, III, 1, p. 25.

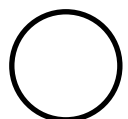
Nos dois trechos, os filósofos, que viveram no início da Era Moderna, propõem duas perspectivas distintas – a da **vida política** e a da **vida privada** –, para a apreciação do valor das ações humanas. Cada uma dessas duas perspectivas gera, por sua vez, critérios distintos de avaliação.

A partir da leitura dos dois trechos transcritos, **REDIJA três** textos,

A) um, **contrastando** as **duas** perspectivas propostas.

B) um, **identificando** os critérios que **cada um** dos dois autores adota para avaliar as ações humanas.

C) um, **argumentando a favor de** ou **contra** a possibilidade de se conciliarem as duas perspectivas.



QUESTÃO 03

Leia este trecho:

[...] uma crítica que limita a razão especulativa é, nesta medida, *negativa*; na medida em que ao mesmo tempo elimina com isso um obstáculo que limita ou até mesmo ameaça aniquilar o uso prático, de fato possui utilidade *positiva* muito importante [...]

KANT, I. Prefácio à Segunda Edição. *Crítica da razão pura*. Trad. V. Rohden e U. B. Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 2005, p.42.

Nesse trecho, Kant introduz duas distinções, fundamentais para o entendimento de sua filosofia, que são esclarecidas ao longo do **Prefácio** da obra em referência – a distinção entre as utilidades negativa e positiva da crítica da razão pura e a distinção entre a razão pura teórica, ou especulativa, e a razão pura prática.

Com base na leitura desse trecho e em outras informações contidas no referido **Prefácio à Segunda Edição**, **REDIJA dois** textos,

A) um, **estabelecendo a diferença** entre as **duas** utilidades da crítica.

B) um, **explicando** como essa distinção permite a Kant preservar o que ele chama de interesse prático da razão – isto é, a defesa da liberdade moral.

QUESTÃO 04

Leia este trecho:

Se Ele [Deus] o proibisse, por exemplo, de calçar a meia esquerda antes da direita, e o punisse por não agir assim, seria desaconselhável fazê-lo, mas não seria errado.

NAGEL, Thomas. Certo e errado. *Uma breve introdução à filosofia*. Tradução de Silvana Vieira. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2001. p. 67.

Um dos argumentos que Nagel apresenta contra a fundamentação religiosa da moral apoia-se nesse trecho.

Com base na leitura desse trecho e considerando outras informações presentes na obra em referência, **REDIJA** um texto, **expondo** esse argumento e **explicando** como esse trecho o apoia.

QUESTÃO 05

Leia estes dois trechos:

[...] o artista moderno quer criar coisas. A ênfase está em criar e em coisas. Ele quer sentir que realizou algo que antes não existia. Não apenas a cópia de um objeto real, por mais habilidosa, não apenas uma peça de decoração, por mais engenhosa, mas algo mais importante e duradouro do que ambas, algo que ele sente ser mais real do que os objetos vulgares da nossa trivial existência. Se quisermos entender essa disposição de espírito devemos voltar à nossa própria infância, a uma época em que ainda éramos capazes de fazer coisas de tijolo ou areia, em que transformávamos uma vassoura num veículo mágico e um punhado de pedras num castelo encantado. Muitas vezes essas coisas que criávamos adquiriam para nós um significado imenso – possivelmente tão grande quanto a imagem devia ter para os primitivos. Acredito ser esse forte sentimento pela unicidade de uma coisa criada magicamente por mãos humanas que o escultor Henry Moore (1898-1986) quer que alimentemos ao olhar para suas criações. Moore não principia olhando para o modelo; principia observando a pedra. Quer “fazer alguma coisa” dela. Não com o fragmentá-la, reduzi-la a pedaços, mas tateando-a e procurando descobrir o que a pedra “quer”. Se ela se converte em sugestão de uma figura humana, ótimo. Mas até mesmo nessa figura Moore quer preservar algo da solidez e simplicidade de uma rocha. Ele não quer fazer uma mulher de pedra, mas uma pedra sugerindo uma mulher.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Trad. A. Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993. p. 467. (Itálico do autor)



HENRY MOORE : *Figura reclinada* (1938). Londres, Tate Gallery.

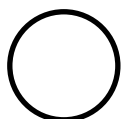
O LUTADOR

Lutar com palavras
 é a luta mais vã.
 Entanto lutamos
 mal rompe a manhã.
 São muitas, eu pouco.
 Algumas, tão fortes
 como o javali.
 Não me julgo louco.
 Se o fosse, teria
 poder de encantá-las.
 Mas lúcido e frio,
 apareço e tento
 apanhar algumas
 para meu sustento
 num dia de vida.
 Deixam-se enlaçar,
 tontas à carícia
 e súbito fogem
 e não há ameaça
 e nem há sevícia
 que as traga de novo
 ao centro da praça.

Insisto, solerte.
 Busco persuadi-las.
 Ser-lhes-ei escravo
 de rara humildade.
 Guardarei sigilo
 de nosso comércio.
 Na voz, nenhum travo
 de zanga ou desgosto.
 Sem me ouvir deslizam,
 perpassam levíssimas
 e viram-me o rosto.

 Lutar com palavras
 parece sem fruto.
 Não têm carne e sangue...
 Entretanto, luto.
 [...]

EM BRANCO



Vestibular UFMG 2010 no ritmo das suas ideias

Questões desta prova podem ser reproduzidas para uso pedagógico, sem fins lucrativos, desde que seja mencionada a fonte: **Vestibular 2010 UFMG**. Reproduções de outra natureza devem ser previamente autorizadas pela Copeve/UFMG.